

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

HETERONÍMIA E O CLÁSSICO LITERÁRIO: O CASO DE FERNANDO PESSOA¹

Anderson Amaral De Oliveira².

¹ Projeto Caminho da Palavra - Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Humanidades no Ensino Médio - GPEI - Curso de Letras Português e Inglês

² Professor do Curso de Letras Português e Inglês, pesquisador Unijuí.

Invariavelmente, tanto o leitor menos experiente quanto o mais erudito estudioso, mantêm uma lista de autores prediletos, que se tornam fonte de referência e inspiração não somente literária, acessada diversas vezes ao longo da vida, cuja significação parece não se esgotar, nem mesmo envelhecer e sim evoluir. Deste grupo de escritores um autor em particular serve como o sol aos demais, de modo que as outras obras se situam sempre à luz ou mesmo à sombra destas referências, tornando-se impossível representar este cânone particular sem o seu elemento catalisador. Por esse motivo, esta obra central representa em si um influxo às demais em um movimento de ação, reflexão e reação podendo ser chamada de clássica.

Ítalo Calvino (2007) no capítulo inicial de seu livro Por quê lê os clássicos, desenvolve propostas de definição sobre como podemos definir estas obras, no entanto, observa que a definição de “grandes leitores” não é aplicável para a juventude, pois nesta fase da vida o conhecimento dos clássicos ocorre dentro da game de conhecimentos que pode se atribuir às coisas da vida e às coisas do mundo. Portanto, o conhecimento dos clássicos se dá de forma paralela e mesmo posterior, exigindo diferentes leituras a fim de se obter uma maturação da ideia que se tem desta obra e, por conseguinte de literatura, de boa literatura e principalmente de qual é o lugar de cada obra no mosaico de textos que forma a nossa experiência de leitura, se pensada de modo mais dilatado.

Apesar disso, jamais teremos tempo para ler todas as obras que gostaríamos considerando as limitações ontológicas do ser humano e o grande volume de obras existentes. De acordo com Eco (CARRIERE, 2010, p. 217), somos igualmente influenciados por livros aos quais não lemos, que não tivemos tempo de ler, tal que não se trata de lermos todas as obras do mundo e sim àquelas que são mais representativas em uma determinada cultura. Para Pound (2006, p. 36-39) a linguagem humana é a principal forma de comunicação do conhecimento humano, advertindo que, no entanto, “a soma da sabedoria humana não está contida em nenhuma linguagem e nenhuma linguagem em particular é capaz de exprimir todas as formas e graus da compreensão humana”.

Refletir sobre o papel de uma figura emblematicamente clássica, é deste modo, revisitar conceitos e crenças sobre a literatura e sobre seu valor no mundo, ao passo que é igualmente uma maneira de pensar a si próprio como uma construção de textos e como a relação destes, constrói o nosso mundo.

Fernando Pessoa e o olho do furacão

Partindo da discussão anterior na qual uma obra particular representaria a noção de clássico pessoal, estabelecerei breves relações entre a obra de Fernando Pessoa e as definições de texto clássico propostas por Calvino, considerando que não há a possibilidade de tal exercício intelectual

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

sem correr-se o risco de cair em um subjetivismo radicalizado. Assim sendo, a fundamentação de um valor literário não pode ser pensada teoricamente sendo este um limite da teoria, mas não da literatura (COMPAGNON, 2006, p. 255).

A produção literária de Fernando Pessoa inscreve-se ao modernismo português, fazendo parte de uma verdadeira revolução cultural na qual não somente o questionamento de paradigmas se estabelece, mas também a construção de um movimento de resistência ideológica especialmente sobre o que se concebe enquanto arte e até mesmo quanto ao que pode ser a boa arte. Considerando que “a literatura não existe num vácuo” e que o “os artistas são as antenas da raça” (POUND, op. cit. p. 36 e 77) é possível situar Pessoa em uma geração de artistas que buscam novos limites para a representação estética, manifestando-se por meio do questionamento radical da realidade, da forma, do cânone e de si próprios. A anulação de sua voz poética, age no trânsito de um estado de espírito que possibilitou a oclusão desta voz para que pudesse romper-se em uma voz ortônima e diversas outras vozes heterônimas.

Pertenço a uma geração que herdou a descrença na fé cristã e que criou em si uma descrença em todas as outras fés. Os nossos pais tinham ainda o impulso credor, que transferiam do cristianismo para outras formas de ilusão. Uns eram entusiastas da igualdade social, outros eram enamorados só da beleza, outros tinham a fé na ciência e nos seus proveitos, e havia outros que, mais cristãos ainda iam buscar a Orientes e Ocidentes outras formas religiosas, com que entretivessem a consciência, sem elas oca, de meramente viver. (PESSOA, 1982, p. 195)

Pessoa relata em carta pessoal a seu amigo Adolfo Casais Monteiro, a gênese dos heterônimos e como ocorre a implosão de sua personalidade para posteriormente haver a explosão deste seu universo em personalidades literárias distintas da sua.

Médium, assim, de mim mesmo todavia subsisto. Sou, porém, menos real que os outros, menos coeso [?], menos pessoal, eminentemente influenciável por eles todos. Sou também discípulo de Caeiro, e ainda me lembro do dia — 13 de Março de 1914 — quando, tendo "ouvido pela primeira vez" (isto é, tendo acabado de escrever; de um só hausto do espírito) grande número dos primeiros poemas do Guardador de Rebanhos, imediatamente escrevi, a fio, os seis poemas-intersecções que compõem a Chuva Oblíqua (Orpheu 2), manifesto e lógico resultado da influência de Caeiro sobre o temperamento de Fernando Pessoa. (PESSOA, 1990, p. 754)

O episódio acima transcrito no qual Pessoa afirma-se médium de si, neste sentido, não deve ser confundido com as aspirações místicas do poeta e sim enquanto fenômeno e procedimento artístico, no qual a voz poética ortônima se descola do poeta e ganha vida, a partir da existência e da consolidação dos outros heterônimos, que não agem de modo isolado e sim como elementos de um universo teórico, literário e simbólico, criados de modo a permitir um trânsito entre as diversas esferas deste pensamento particular e coletiva, atingindo a universalidade pela multiplicidade de seu discurso ao mesmo tempo em que estes discursos são completamente desvinculados do poeta.

A lírica de Pessoa considera os elementos caracterizadamente modernos como antipassadismo, sugestão, despersonalização, fragmentação e figurativismo, alcançando o grotesco (D'ONÓFRIO, 2007. p. 450-453) em alguns momentos levando o dilema deste personagem a cabo com a criação de seu próprio drama de Fausto, que permanece incompleto, ficando em seu baú somente a sua

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

estrutura cuidadosamente pensada e fragmentos espalhados deixando a aventura da unidade em aberto como presente e enigma esfíngico a seus estudiosos posteriores.

Formalmente Pessoa age por meio de sua poética no nível da forma da expressão com “paralelismos, repetições, hipérbatos, rasgos linguísticos e estruturais comuns” e no nível da substância do conteúdo com o “sensacionismo, culto da natureza, anticristianismo, dialética dos contrastes, motivos e temas que se repetem na poesia ortônima e heterônima” (D’ONÓFRIO, 2007 p. 487).

Considerações finais

Fernando Pessoa não é o criador da expressão da multivocidade do ser humano na poesia, algo que já fora realizado anteriormente por outros escritores, quiçá igualmente influenciados pelas correntes filosóficas e psicanalíticas de sua época (ibid. p. 468). Apesar disso, o autor leva o desenvolvimento desta forma de expressão ao limite máximo de sua expressão estabelecendo em sua obra poética a relação de alteridade entre suas diversas personas/máscaras, de maneira a gerar conflitos dentro de si próprio. Leva a cabo o projeto do fingimento e da desconfiança ao autor, que propõe a leitura enquanto movimento lúdico e visceral no qual o poeta não se torna nada mais do que um espelho de si próprio.

AUTOPSICOGRAFIA

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

(PESSOA, 1995, p. 235)

Seu fenômeno heteronímico representa a personificação da definição de Calvino, na qual “um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe” (CALVINO, 2007, p. 12). Nesse sentido, a separação entre o poeta e o crítico possibilita uma rica e conflituosa relação de alteridade dentre suas personagens literárias, tal que é frequente em sua obra a presença de heterônimos que elaboram prefácios críticos para outros heterônimos, a exemplo de Fernando Pessoa (ortônimo) ser o prefaciador do Livro do

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Desassossego de Bernardo Soares, Ricardo Reis, ser o prefaciador das poesias de Alberto Caeiro e Álvaro de Campos que por sua vez prefacia as Odes de Ricardo Reis.

Pessoa, Campos e Reis foram todos influenciados por Caeiro, não por Whitman, e Caeiro não foi influenciado por ninguém, sendo um poeta “puro” ou natural, quase sem educação, que morreu na idade alto-romântica de vinte e seis anos. (BLOOM, 1995, p. 463)

Fernando Pessoa e sua obra, não mais pensados de forma fragmentária e sim em sua totalidade, concebeu a poesia como um trabalho alquímico, de depuração do verbo criador e de transcendência pessoal, enriquecendo a literatura com uma poesia conectada a elementos simbólicos universais aos seres humanos ao mesmo tempo em que, ao contrapor a racionalidade e a emotividade, o pensamento e o sentimento, estabelece seu lugar ao centro da estética clássica e romântica, reforçando seu espaço enquanto artista moderno, sendo desta tradição conjunção e simbiose (D'ONÓFRIO, 2007. p. 469).

Por fim o poema Isto, abaixo citado, exemplifica a posição do poeta enquanto literatura falando dela própria, negociando os limites da representação moderna e refletindo o lugar do poeta, da literatura, da teoria, do leitor e do mundo. Poeta completo, e a mim digno de ser chamado de clássico, Pessoa em sua integralidade heteronímica representa, portanto, o sol de um cânone particular, o Supra-Camões, àquele escritor que nunca está completamente ou suficientemente compreendido e que sempre tenho prazer em revisitar, seja por alguma curiosidade científica e literária, ou mesmo por cujos textos possam eventualmente representar uma palavra, um som, uma imagem ou um estado de espírito que esteja latente, necessitando ser encontrado.

ISTO

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!
(PESSOA, 1990, p. 165)

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Referências bibliográficas:

BLOOM, Harold. O Cânone Ocidental. 10 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

CALVINO, Ítalo. Por quê ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARRIERE, Jean-Claude; ECO, Umberto; DE TONNAC, Jean-Philippe. Não contem com o fim do livro. Editora Record, 2010.

COMPAGNON, Antoine. O valor In: O demônio da teoria: Literatura e senso comum. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2006, p. 225-255

D'ONOFRIO, Salvatore. Literatura ocidental: autores e obras fundamentais. Ática, 2007 2 ed.

PESSOA, Fernando. Livro do desassossego: composto por Bernado Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Companhia das Letras, 2006.

_____. Obra poética em um volume. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990

_____. Poesias (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995), p. 235.

POUND, Ezra; DE CAMPOS, Augusto; PAES, José Paulo. ABC da literatura. São Paulo: Editora Cultrix, 2006 (11ed.)